



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA – UEPB
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E AGRÁRIAS – CCHA
DEPARTAMENTO DE LETRAS E HUMANIDADES – DLH
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM LETRAS**

**ASPECTOS IDEOLÓGICOS EM
“O PAGADOR DE PROMESSAS” DE DIAS GOMES**

AMANDA ALVES DE OLIVEIRA SUASSUNA

Catolé do Rocha – PB

2014

AMANDA ALVES DE OLIVEIRA SUASSUNA

**ASPECTOS IDEOLÓGICOS EM
“O PAGADOR DE PROMESSAS” DE DIAS GOMES**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de Letras e Humanidades da Universidade Estadual da Paraíba, como um dos requisitos para a obtenção do grau de Licenciatura Plena em Letras.

Orientadora:
Profa. M.Sc. Marta Lúcia Nunes

**Catolé do Rocha – PB
2014**

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

S939a Suassuna, Amanda Alves de Oliveira.

Aspectos ideológicos em "O pagador de promessas" de Dias Gomes [manuscrito] : / Amanda Alves de Oliveira Suassuna. - 2014.

34 p.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Ciências Humanas e Agrárias, 2014.

"Orientação: Profa. Ma. Marta Lúcia Nunes, Departamento de Letras e Agrárias".

1. Literatura. 2. Sociedade. 3. Ideologia. I. Título.


21. ed. CDD 410

AMANDA ALVES DE OLIVEIRA SUASSUNA

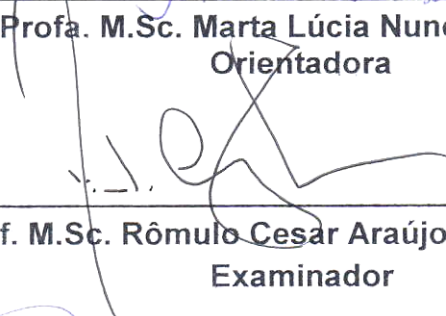
**ASPECTOS IDEOLÓGICOS EM
“O PAGADOR DE PROMESSAS” DE DIAS GOMES**

Aprovado em 22 de Julho de 2014

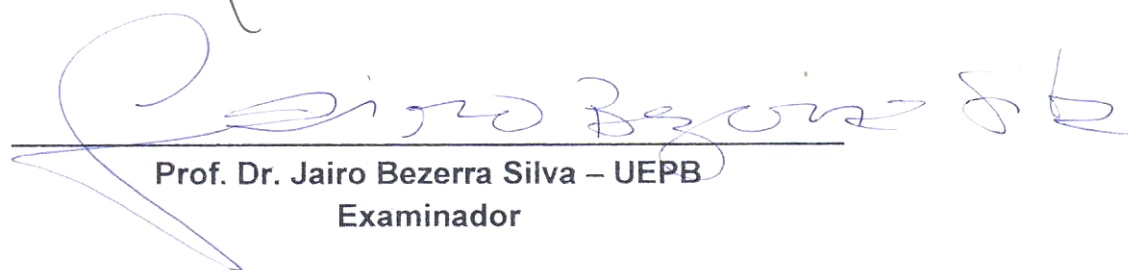
Banca examinadora



Prof. M.Sc. Marta Lúcia Nunes – UEPB
Orientadora



Prof. M.Sc. Rômulo Cesar Araújo Lima – UEPB
Examinador



Prof. Dr. Jairo Bezerra Silva – UEPB
Examinador

**Catolé do Rocha – PB
2014**

AGRADECIMENTOS

A **Deus**, pelo dom da vida e pelas oportunidades que surgiram, colocando no meu caminho pessoas que me deram apoio, amparo e que me permitiram estar aqui em busca de mais uma realização.

Aos meus pais, **Carmelita Alves de Oliveira e José Ernesto de Oliveira**, por estarem junto a mim em todos os momentos da minha vida, me orientando para o caminho da verdade, da honestidade e da sabedoria.

Ao meu esposo, **Jurailton Souza Suassuna**, pois as alegrias de hoje também são tuas, pois o teu estímulo, carinho e amor foram, sem dúvida, as armas dessa vitória.

A professora orientadora, **Marta Lúcia Nunes**, por ter compartilhado comigo seus conhecimentos e pela paciência que dedicou na orientação deste trabalho.

Aos meus amigos, em especial a **Laiane Figueirêdo Nóbrega Vasconcelos, Patrícia Ferreira dos Santos e Rívia Verônica da Silva Maia**, pela cumplicidade, amizade e por acreditarem no êxito desse trabalho.

A **Capes**, pela bolsa concedida na participação do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (**PIBID**). Oportunidade em que foi possível adquirir um maior conhecimento e uma melhor formação acadêmica.

Enfim, a todos aqueles que de uma forma ou de outra contribuíram para que mais uma vitória fosse conquistada em minha vida, muito obrigada!

**Zé do burro faz aquilo que eu desejaria fazer –
morre para não conceder. Não se prostitui. E sua
morte não é inútil, não é um gesto de afirmação
individualista, porque dá consciência ao povo,
que carrega o seu cadáver como bandeira.**

Dias Gomes

RESUMO

O objetivo principal deste trabalho consiste em analisar como a ideologia e os aparelhos ideológicos de Estado intervêm na vida do personagem Zé do Burro da obra “O Pagador de Promessas”, de Alfredo Dias Gomes, discutindo acerca da literatura e sociedade. Esta análise discute os aspectos ideológicos e os aparelhos de Estado presentes na obra, procurando ressaltar como eles são caracterizados e funcionam dentro de um determinado segmento da sociedade. O trabalho foi realizado com base em um aporte metodológico de cunho bibliográfico, especificamente centrado nas concepções de: Althusser (1970) Candido (2010), Gomes (1972), (1998) e (2003), Rosenfeld (1996), dentre outros. A pesquisa realizada possibilitou inferir que o personagem não consegue cumprir com seus propósitos, uma vez que a intolerância da Igreja, o sensacionalismo da Imprensa e o despreparo da Segurança Pública possuem pressupostos ideológicos diversos que se sobressaem por seus modos de funcionamentos serem superiores aos de meros cidadãos comuns.

Palavras-Chave: Literatura. Sociedade. Ideologia.

ABSTRACT

The main objective of this work is to examine how ideology and ideological state apparatuses intervene in the life of the character Zé do Burro of "O Pagador de promessas" by Alfredo Dias Gomes, arguing about literature and society. This analysis discusses the aspects and ideological state apparatuses present in the work, trying to emphasize how they are characterized and function within a particular segment of society. The study was based on a methodological approach to bibliographic nature, specifically focusing on the concepts of: Althusser (1970) Candido (2010), Gomes (1972), (1998) and (2003), Rosenfeld (1996), among others. The research allowed to infer that the character can not fulfill its purpose, since the intolerance of the Church, the sensationalism of the press and the unpreparedness of Public Security have many ideological assumptions that stand in their way of runs are greater than mere ordinary citizens.

KEYWORDS: Literature. Society. Ideology.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	09
1 LITERATURA, SOCIEDADE E IDEOLOGIA: pressupostos teóricos	11
1.1 A vida social representada na literatura	11
1.2 A ideologia e a atuação dos aparelhos de Estado	14
2 AS INFLUÊNCIAS IDEOLÓGICAS EM “O PAGADOR DE PROMESSAS”	20
2.1 Dias Gomes e o novo teatro no Brasil	20
3.2 Aspectos ideológicos e repressores na obra objeto de estudo	23
CONSIDERAÇÕES FINAIS	32
REFERÊNCIAS	33

INTRODUÇÃO

Este trabalho tem como objetivo analisar a presença da ideologia e o modo de funcionamento dos aparelhos de Estado¹ na sociedade e como eles interferem na vida do personagem Zé do Burro no decorrer de sua busca para entrar na igreja e cumprir a promessa feita a Santa Bárbara.

Conforme Louis Althusser (1970), é através dos ARE e dos AIE que o Estado coloca em prática o poder e submete a classe que não o detém, a fim de que a ordem permaneça nas relações de exploração dentro da sociedade. Nesse processo, o Estado recorre à violência ou a ideologia no exercício de determinar a ordem em virtude dos interesses existentes em um meio social.

Na leitura da peça teatral “O Pagador de Promessas” analisamos os elementos teóricos em consonância com o contexto de produção, também nos fundamentamos em estudos de Antônio Candido (2010) no tocante aos fatores externos se fazerem internos em uma obra literária.

Com “O Pagador de Promessas”, de Dias Gomes, escrita em 1959, e encenada no mesmo ano no Teatro Brasileiro de Comédia, sob direção de Flávio Rangel, o teatro brasileiro ganhou um novo estilo de temas voltados aos valores culturais, históricos, econômicos e sociais do povo brasileiro. A obra tem como enredo a história de Zé do Burro, um homem simples e honesto, que fez uma promessa a Santa Bárbara para que seu amigo, o burro Nicolau, fosse curado de uma ferida decorrente de um acidente. Como a igreja mais próxima encontrava-se em Salvador, ele percorre sete léguas carregando uma enorme cruz de madeira com a finalidade de depositá-la na igreja de Santa Bárbara. No entanto, não imagina as dificuldades e incompreensões que serão postas no seu caminho ao longo das tentativas de concretizar a promessa.

O que nos motivou a realizar o estudo foi a inocência e ingenuidade do personagem Zé do Burro frente às situações que envolviam aspectos ideológicos contraditórios e diversos. Com a predominância dos objetivos da classe detentora de poder e do Estado.

¹ Ao longo do trabalho, faremos referências aos Aparelhos Ideológicos de Estado e Aparelhos Repressivos de Estado com as iniciais AIE e ARE, respectivamente.

A referida peça representou uma quebra de paradigmas na produção teatral brasileira. Até então os temas representados pelos autores, inclusive a maioria estrangeiros, voltava-se para experiências e culturas deles, ficando à parte a cultura nacional.

Este trabalho está dividido em duas partes, as quais se apresentam em: Literatura, sociedade e ideologia: pressupostos teóricos e As influências ideológicas em “O Pagador de Promessas”.

Na primeira parte discutimos a literatura como representação da sociedade e a presença dos aspectos ideológicos, procurando enfatizar a relevância dos fatores externos e das concepções imaginárias de existência dos indivíduos como elementos importantes para a composição da forma literária, articulando os conceitos teóricos necessários para a compreensão da ideologia e dos aparelhos ideológicos de Estado presentes na obra estudada.

Na segunda parte, apresentamos uma breve discussão sobre os aspectos estilísticos e contextuais da obra de Dias Gomes, além de uma análise da peça teatral objeto de estudo, destacando os temas analisados, ou seja, as influências dos aspectos ideológicos e dos aparelhos de Estado na vida do personagem Zé do burro, bem como as consequências de seus meios de funcionamento em detrimento aos aspectos caracterizados por indivíduos de ambientes e pressupostos ideológicos diferentes.

1 LITERATURA, SOCIEDADE E IDEOLOGIA: PRESSUPOSTOS TEÓRICOS

1.1 A vida social representada na literatura

A literatura encontra-se intrinsecamente relacionada à vida social, pois, trata-se de uma expressão cultural a qual depende não só das perspectivas do autor, mas também do contexto, de uma dada época e lugar, haja vista que a sociedade procura determinar como devem estar relacionadas às condições e as condutas dos indivíduos.

Em uma obra, para que sejam atribuídos valores e significados, faz-se necessário não apenas analisar os aspectos que ela refletiu da realidade, tampouco desligá-la desses fatores, já que ela não se configura como algo independente das condições sociais. Desse modo, para entender uma obra deve-se fundir texto e contexto em uma relação dialógica, conforme explicita Candido (2010, p.13-14)

[...] a integridade da obra não permite adotar nenhuma dessas visões dissociadas; e que só a podemos entender fundindo texto e contexto numa interpretação dialeticamente íntegra, em que tanto o velho ponto de vista que explicava pelos fatores externos, quanto o outro, norteados pela convicção de que a estrutura é virtualmente independente, se combinam como momentos necessários do processo interpretativo. Sabemos ainda que o externo (no caso o social) importa, não como causa, nem como significado, mas como elemento que desempenha um certo papel na constituição da estrutura, tornando-se, portanto, interno.

Os conteúdos trabalhados em um texto literário acontecem em conformidade com as condições de um meio social, contudo não é pertinente que ele seja concebido apenas como representação de acontecimentos da sociedade, mas sim que ambos encontram-se relacionados.

A literatura, de um modo geral, reflete o contexto sócio-histórico, uma vez que retrata uma diversidade de aspectos da sociedade e desempenha influência no meio em que se encontra inserida. A adaptação do retrato de uma determinada temática social para o universo da literatura consiste em um processo que gera modificações em detrimento de seu caráter fictício. Esses fatos para serem

analisados em uma obra literária demandam estudos acerca dos elementos estruturais e sociais de um texto, conforme propõe Candido (2010, p.16-17)

Quando fazemos uma análise desse tipo, podemos dizer que levamos em conta o elemento social, não exteriormente, como referência que permite identificar, na matéria do livro, a expressão de uma certa época ou de uma sociedade determinada; nem como enquadramento, que permite situá-lo historicamente; mas como fator da própria construção artística, estudado no nível explicativo e não ilustrativo.

A obra, enquanto objeto de estudo, não pode ser analisada com o fim em si mesma, é importante considerar os contextos históricos, evidenciando que há um diálogo com as condições sociais de produção.

A partir do exposto, fica-nos perceptível o conhecimento de que a literatura sofre constantemente influências das situações sociais, pois conforme expõe Candido (2010, p.30) a arte é social pelo fato de que

[...] depende da ação de fatores do meio, que se exprimem na obra em graus diversos de sublimação; e produz sobre os indivíduos um efeito prático, modificando a sua conduta e concepção do mundo, ou reforçando neles o sentido dos valores sociais. Isto decorre da própria natureza da obra e independe do grau de consciência que possam ter a respeito os artistas e os receptores da arte.

Os autores não adotam posturas indiferentes aos acontecimentos distintos de sua época, conforme as situações de seu mundo social, os textos passam a representar as estruturas do contexto social, pois se passa a ter um interesse em retratá-los. A literatura, nesse sentido, adquire um aspecto social, tendo em vista ser uma maneira de expressão que o autor utiliza para expressar seus conceitos de determinada compreensão de vida, realizada no meio social. O convívio social torna-se objeto de representação que a arte literária busca, entretanto a sociedade não é retratada integralmente, mas sim como elemento constituinte da estrutura do texto.

Para que uma obra possa ter o valor reconhecido e seja acessível a diversos leitores necessita retratar temas universais e que estes estejam em evidência na vida dos indivíduos e que não se detenha a uma determinada época ou região. Desse modo, temos Candido (2010, p. 55) com relação aos fatores de que depende um texto literário para adquirir sua importância dentro da sociedade.

A grandeza de uma literatura, ou de uma obra, depende de sua relativa intemporalidade e universalidade, e estas dependem por sua vez da função total que é capaz de exercer, desligando-se dos fatores que a prendem a um momento determinado e a um determinado lugar.

Os acontecimentos, os sistemas e a posição ocupada na sociedade em que vivem os autores, acarretam experiências para os mesmos e provocam interesses em expor o contexto como algo que transmite e revela a própria identidade e o momento. Para tanto, no texto há um relação de (in)dependência entre obra e contexto, como nos mostra Candido (1999, p.82) *apud* Chaves (2005, p.21) e que ocasionam fatos a comporem as formas literárias.

[...] a literatura desperta inevitavelmente o interesse pelos elementos contextuais. Tanto quanto a estrutura, eles nos dizem de perto, por que somos levados a eles pela preocupação com a nossa identidade e o nosso destino, sem contar que a inteligência da estrutura depende em grande parte de se saber como o texto se forma a partir do contexto até se constituir uma independência dependente (se for permitido o jogo de palavras).

Em relação aos interesses por fatos do convívio social pelos autores, as situações peculiares a determinadas épocas tendem a provocar reflexões e produções nos autores em retratar algo novo ou instigante ao conhecimento de um público. Nesse sentido, as obras demonstram e transbordam questionamentos, ideologias e valores presentes na sociedade. Como esclarece Octavio (1999, p. 12) ao abordar a questão da presença da época nos textos.

Quando se fala em algo mais geral, característico da época ou conjuntura, logo se coloca o enigma do estilo de pensamento ou visão do mundo. É como se houvesse algo no ar, um clima sócio-cultural particularmente novo ou provocativo, que alimentasse diferentes criações não só de escritores e sociólogos, mas também, de outros, incluindo filósofos. Haveria inquietações, dilemas e ilusões predominantes ressoando nas narrativas, interpretações e fabulações. É como se a narrativas, bem como outras criações, sintetizassem e decantassem algo que poderia ser essencial na época ou conjuntura.

Os fatores internos peculiares à literatura juntam-se aos fatores externos, no caso a vida social, para compor a obra literária, e, portanto, ela é determinada por uma relação simultânea entre ambos no processo de produção de um texto, como podemos observar considerando o que diz Kothe *apud* Santaella (1996, p.242)

[...] Cada fenômeno literário é determinado simultaneamente de fora e de dentro: de dentro, pela própria literatura; de fora pelos outros setores da vida social. Mas enquanto a obra literária é determinada de dentro ela se submete ao mesmo tempo à determinação externa, pois a literatura como um todo, determinando-a de dentro, é, por sua vez determinada por fatores externos.

Portanto, o autor, geralmente, busca escrever para levar o leitor à reflexão, para denunciar as condições de existência dos seres humanos, e isso se configura como algo vinculado a sociedade da qual se origina, pois os valores mencionados, na maioria das vezes, têm por objetivo culminar em reflexões que visam modificar ou acabar com determinadas situações e sistemas em que vivem os sujeitos no âmbito das classes sociais.

1.2 A ideologia e a atuação dos aparelhos de Estado

Em uma sociedade de classes, a ideologia determina como ocorrem as relações sociais, bem como as condições de existência em um dado contexto para manterem-se as relações de poder entre os diferentes grupos sociais, prevalecendo nessa sociedade a ideologia da classe que detém o poder, atribuindo sentido e estabelecendo as relações entre as pessoas. É evidente a presença de duas ideologias, a da classe que detém o poder, que objetiva a sequência da ordem com vistas a manter as suas vantagens, e da classe dominada a qual busca superar e colocar em prática um novo domínio em que seus objetivos sejam modificados e ou alcançados.

Althusser (1967, p. 191-192) *apud* Santaella (1996, p. 213) define ideologia como: “[...] um sistema (que possui sua lógica e seu vigor próprios) de representações (imagens, mitos, ideias e conceitos, segundo os casos), dotados de uma existência e de um papel histórico no seio de uma sociedade dada”.

Explicitando a definição de Althusser, Santaella afirma que ideologia são sistemas, ações que representam as imaginações que os homens possuem e fazem de suas condições de existência em um determinado contexto social e assim todos os gestos, atitudes e ações acontecem sob uma ideologia e para uma ideologia. A ideologia só tem sua existência por meio de um sujeito e para sujeitos.

De acordo com Lyra (1979) a ideologia é a consciência social que alguns indivíduos possuem sobre uma determinada época, classe, grupo, até mesmo de um indivíduo, atrelada as condições reais de existência humana como resultante das condições de existência. Assim, ela caracteriza-se, no sentido positivo, pois guia as atitudes e ações que o sujeito executa no convívio social a fim de que seus atos representem a compreensão sobre certo momento.

A ideologia pode ser vista e vivida também sob a perspectiva de “falsa consciência”, e os diversos momentos característicos, colocados por Karl Mannheim (1972, p.122) *apud* Lyra (1979, p. 41), tornam-se exemplos que explicam essa relação.

Como exemplos da <<falsa consciência>>, assumindo a forma de uma interpretação incorreta de si mesmo e seu papel, podemos citar aqueles casos em que as pessoas tentam encobrir suas relações <<reais>> consigo mesmas e com o mundo, e falseiam para si mesmas os fatos básicos da existência humana, deificando-os, romantizando-os ou idealizando-os, recorrendo, em suma, ao artifício de fugirem para si mesmas e do mundo, dando margem a falsas interpretações da experiência.

Vista por esse ângulo, a ideologia passa a ser algo negativo e prejudicial, uma vez que os indivíduos passam a construir falsas relações, a utilizar máscaras dentro das mais diversas situações e assumir “papéis” esperados por essa <<falsa consciência>> instituída pela sociedade com o intuito de que os momentos sejam contornados com outros significados como forma que explique interesses materiais.

A referida “falsa consciência” de ideologia denota as atitudes dos indivíduos de forma camuflada e incoerente com os seus pensamentos. Entretanto, há situações e órgãos que fazem com que aja uma inversão de valores na consciência do ser humano em virtude dos objetivos esperados exigirem certos posicionamentos e comportamentos.

Comentando Walter Benjamin, Kothe (1976, p.109) afirma que ideologia é “[...] um termo que não guarda apenas o sentido de <<falsa consciência>>” pois:

Para Benjamin, a ideologia também podia ter um sentido positivo, enquanto arma a ser utilizada na batalha cultural, como parte da luta de classes. Ao <<dizer o outro>>, a literatura tinha o seu momento de verdade, mas, sendo um espólio arrastado no cortejo dos vencedores e dominadores da História, assumiu o caráter negativo da ideologia. Combatendo-o, assumia o caráter positivo desta.

Conforme a concepção de Benjamin, a ideologia com o “sentido positivo”, caracteriza-se como a ideologia da classe dominada que busca lutar por seus ideais e modificar a situação vigente, porque quando há a busca pelo poder para que sejam mantidos os interesses por parte dos dominadores, o lado negativo da ideologia compreendida como “falsa consciência” assume o caráter disfarçado, pois os envolvidos assumem aspectos contraditórios com o intuito de manter o poder em evidência.

O Estado é uma ferramenta de poder utilizada por determinados indivíduos para colocar em prática a ideologia favorável à manutenção para que a sociedade permaneça estável em conformidade aos interesses de poder dos dominadores para com os dominados.

Para Althusser (1970), o Estado é uma “máquina” de repressão a qual concede a classe que detém o poder, colocar em prática seus objetivos, ideais e, por conseguinte, possuir o domínio sobre a classe dominada. Nesse sentido, o Estado passa a ser uma “arma” buscada para ter o controle dos indivíduos na sociedade.

Althusser (1970, p. 32) retoma o conceito de Estado, na perspectiva do marxismo, “como força de execução e intervenção repressiva, a serviço das classes dominantes, na luta de classes travadas pela burguesia e pelos aliados contra o proletariado.” Desse modo, é perceptível na história da sociedade o conhecimento da utilização do Estado, pelas classes detentoras de poder, através de aparelhos repressivos como por exemplos a polícia e o exército para conterem e acabarem com as reivindicações e protestos buscados pelas classes dominadas.

O Estado, para Althusser, detém o poder político e conseqüentemente o comando dos aparelhos de repressão para perpetuar as relações de produção e

exploração entre as diversas classes e a sociedade possa continuar sendo estruturada mediante seus interesses.

A partir da distinção feita por Althusser acerca dos aparelhos de repressão e o poder de estado é preciso, para uma melhor compreensão em relação às características peculiares, destacar as diferenças entre os ARE dos AIE.

Os AIE, conforme expõe Althusser, compreendem as seguintes instituições diferentes (porque há uma variedade de instituições sejam elas públicas ou privadas) e especializadas a saber: as igrejas (existem diferentes sistemas de igrejas), escolas (públicas e privadas), famílias, partidos políticos, a mídia, os sindicatos entre outros. Já o aparelho repressivo (no sentido de funcionamento através de violência, inclusive não física, como por exemplo, penas administrativas) de Estado compreende órgãos que possuem um comando que se organizam em estruturas que são dependentes, sendo os seguintes: o Governo, as Prisões, a Polícia, a Administração entre outros.

É importante destacar a diferença significativa que há entre os AIE e os ARE: enquanto este funciona por meio da violência aquele funciona através da ideologia. “No entanto, o aparelho repressivo de Estado funciona de uma maneira massivamente prevalente pela repressão (inclusive física), embora funcione secundariamente pela ideologia.” Ao contrário, os AIE “funcionam de um modo massivamente prevalente pela *ideologia*, embora funcionando secundariamente pela repressão, mesmo que no limite, mas apenas no limite, esta seja bastante atenuada, dissimulada ou até simbólica”. (ALTHUSSER, 1970, p. 46-47).

Tanto os ARE quanto os AIE estão envolvidos no processo de utilização e funcionamentos de seus meios. A classe dominante que detém o poder dispõe dos aparelhos repressores de Estado para agir e pôr em prática a sua ideologia e se necessário recorre à violência para garantir seus propósitos. Como exemplos podemos citar a Igreja, a família e a mídia que recorrem à utilização da ideologia, da consciência das relações humanas e materiais nas relações sociais, porém quando necessário utilizam-se de imposições não mais teóricas, mas práticas a fim de punir e conseguir colocar em prática a ideologia predominante a seu sistema de funcionamento.

As ideologias religiosas, políticas, jurídicas entre outras constituem as concepções imaginárias, ilusórias, de mundo que os indivíduos possuem sobre as condições de existência e que para Althusser, não correspondem à realidade.

Porém, “fazem alusão a realidade, e que basta < interpretá-las> para reencontrar, sob a sua representação imaginária do mundo, a própria realidade desse mundo (ideologia = ilusão/ alusão)” (ALTHUSSER, 1970, p. 78).

Desse modo, alguns indivíduos combinam e colocam em prática o domínio sobre a maioria dos povos em uma representação falsa do modo de viver para que venham a ter o comando sobre a imaginação destes.

De acordo com Althusser, a ideologia, é algo que se encontra fora da realidade e sendo independente dessa realidade, configura-se como uma representatividade das relações imaginárias que os indivíduos possuem de suas condições de existência dentro da sociedade. E através de gestos, atitudes, pensamentos que colocam em prática as atribuições ilusórias que há no imaginário do sujeito para com as relações no meio social.

Em outra abordagem acerca da ideologia, para Althusser (1970, p. 84) “uma ideologia existe sempre num aparelho, e na sua prática ou suas práticas. Esta existência é material.” O indivíduo, em uma relação com os aparelhos ideológicos do Estado, adquire e executa certos modos, adere a diversos comportamentos e executa atos pertinentes a ideologia do aparelho e seguem as ideias e concepções que pensa que escolheu espontaneamente, naturalmente.

Nesse processo, o indivíduo detentor de consciência, com crença e valores nos conjuntos de ideias que a imaginação lhe impõe e que adota de forma livre, os atos devem estar voltados para suas ideias que se tem de “sujeito livre” e que a sociedade espera, bem como os aparelhos de Estado. Para melhor explicitar essa relação, recorreremos ao exemplo de honestidade utilizado por Silva (2013, p. 94)

[...] o valor que o trabalhador, subjetivamente, concede à honestidade pode ser observado em suas práticas objetivas, materiais: em virtude do valor que concede à honestidade, por exemplo ele não furta as ferramentas da empresa. Essa prática da honestidade é uma prática material, objetivamente regulada por rituais também materiais, objetivos, estabelecidos pelos aparelhos ideológicos do Estado.

A partir do exemplo, percebe-se que os homens adotam certos comportamentos e crenças segundo os valores estabelecidos pelos AIE para uma melhor relação e organização entre os sujeitos dentro da sociedade. Como podemos observar de acordo com Brandão (2002, p. 38)

As classes sociais, assim constituídas, mantêm as relações que são produzidas continuamente e garantidas materialmente pelo que Althusser denominou de AIE. Realidades complexas, os AIE colocam em jogo as práticas associadas a lugares ou a relação de lugares que remetem à relação de classe.

Outros valores atribuídos e presentes na imaginação do indivíduo não resultam de suas vivências e realidades, mas sim de suas relações imaginárias que agrupam no tocante as relações sociais que ocorrem entre os sujeitos dentro de um sistema de classe. Como afirma Althusser (1970, p. 81) “[...] não são as condições de existência reais, o seu mundo real, que ‘os homens’ ‘se representam’ na ideologia, mas é a relação dos homens com estas condições de existência que lhes é representada na ideologia.”

Para Althusser, a ideologia interpela os indivíduos como sujeitos. A ideologia entendida por esse viés acontece nas relações sociais instituídas e esperadas pelas classes sociais. Ele faz menção que o homem de forma natural vive na ideologia, uma vez que “<<o homem é por natureza um animal ideológico>>” (ALTHUSSER, 1970, p. 81). A ideologia faz com que o sujeito tenha posições e se assujeite no sentido de ser levado a ter comportamentos segundo as ideologias que lhe são atribuídas pelos aparelhos de Estado. Desse modo, os sujeitos não conseguem fugir dessa dominação e tornam-se assujeitados. Suas ações voltam-se para atender o que determina a sociedade. Os indivíduos passam a ter atitudes controladas e esperadas pela sociedade, pois o “assujeitamento” determina como o sujeito deve agir e posicionar-se diante de certos fatores e momentos.

2 AS INFLUÊNCIAS IDEOLÓGICAS EM “O PAGADOR DE PROMESSAS”

2.1 Dias Gomes² e o novo teatro brasileiro

Alfredo de Freitas Dias Gomes nasceu em Salvador, Bahia, em 19 de outubro de 1922. Frequentou os cursos de Direito e Engenharia, no entanto não chegou a concluí-los.

Na adolescência, aos 15 anos de idade, escreveu a primeira peça teatral “A Comédia dos Moralistas”, com a qual conseguiu o prêmio do Serviço Nacional do Teatro; aos 19 anos sua obra, “Pé de Cabra”, foi encenada com notável sucesso de crítica e público, sendo elogiado por críticos importantes de sua época, como Viriato Corrêa, para o qual Dias Gomes seria, “mais cedo ou mais tarde, o autor mais importante do teatro brasileiro”.

As obras de Dias Gomes, demonstram uma preocupação em expor e discutir a realidade brasileira, bem como seus costumes e culturas vigentes. Dias Gomes apresenta sua visão de mundo sobre a realidade que vivia e transmitiu para os textos os reflexos dessa sociedade, como afirma Rosenfeld (1996, p.15) “essa unidade reside no empenho conseqüente e pertinaz pela representação dos valores político-sociais – dos valores humanos, portanto, mercê da visão crítica de um homem que não está satisfeito com realidade do Brasil e do mundo”.

A partir de 1944, o trabalho de Dias Gomes volta-se para o rádio, onde atuou em diversas emissoras do Rio de Janeiro e São Paulo. Exerceu os seguintes cargos quanto a essa atividade: diretor artístico da Rádio Bandeirantes de São Paulo, da Rádio Clube do Brasil (RJ) e da Rádio Nacional (RJ). Nesse período, quatro romances, foram publicados, são eles: “Amanhã será Outro Dia”; “Um Amor e Sete Pecados”; “A Dama da Noite” e “Quando É Amanhã?”.

Em 1960, com a peça teatral, “O Pagador de Promessas”, Dias Gomes retorna ao teatro. A referida obra conseguiu conquistar o público, de forma significativa, por representar a vida popular, alcançando um enorme sucesso. Como a temática envolvida é peculiar à vivência de diversas pessoas, a peça expandiu-se pelos mais diversos locais sendo bem recepcionada pelo público. Como podemos perceber nas palavras de Rosenfeld (1996, p. 57):

² Os dados biográficos referentes ao autor foram pesquisados no site <http://groups.google.com/group/digitalsource>

As peças transpiram vida popular brasileira de todos os poros, também graças à linguagem saborosa, direta, rica de regionalismos, expandindo-se num diálogo espontâneo e comunicativo, de grande carga géstica e eficácia cênica. O brasileiro, sobretudo o povo simples, profundamente inserido nos seus costumes, vive, chora, e ri nestas peças com uma autenticidade que lhe garante de imediato a identificação nacional.

De acordo com Rosenfeld, as obras de Dias Gomes apresentam expressões populares e personagens cômicos, porque a sua poética volta-se a favor da massa popular, para tanto a exposição dos conflitos e os personagens, mesmo que obtenham expressões universais, os seus valores, costumes e situações caracterizam-se a identidade nacional brasileira.

A versão cinematográfica da obra “O Pagador de Promessas” dirigida por Anselmo Duarte, conquistou a Palma de Ouro, no Festival de Cannes, na França, em 1962, entre outros prêmios nacionais e internacionais. A peça teatral foi traduzida para diversos idiomas, dentre eles: o inglês, espanhol, grego, italiano e russo. Também foi encenado em muitos países como os Estados Unidos, México, Argentina, Polônia, Espanha, Itália e Uruguai.

Em 1969, pressionado pela censura no Brasil, diversos textos escritos por Dias Gomes foram proibidos, sendo assim, ele optou pela carreira na televisão, um novo meio que surgia para expressar a arte e o talento. Sem deixar de lado seus propósitos, utilizou-se, através da televisão, seus questionamentos e insatisfações quanto as situações econômicas, políticas, sociais e culturais do Brasil. Portanto, escreveu diversas telenovelas, tais como: “O Bem-Amado”, “O Espigão”, “Roque Santeiro” e “Saramandaia”.

Essas telenovelas retratam a realidade da época, e levam o público a ter consciência da importância de modificar e questionar a situação vivenciada com a finalidade de uma possível mudança no cotidiano do cenário brasileiro. Sobre a dramaturgia de Dias Gomes, Rosenfeld (1996, p.57) afirma:

A dramaturgia de Dias Gomes apresenta e analisa, em todas as peças, um mundo de condições, atitudes e tradições cerceadoras, de forças mancomunadas com a inércia, a estreiteza ou a hipocrisia; mundo carregado de pressões e conflitos que tende a suscitar a luta, franca ou dúbia, coerente ou não, pela liberdade e pela emancipação, pela dignidade e pela valorização humanas.

Com a encenação de “O Pagador de Promessas”, dirigida por Flávio Rangel, um novo teatro surge em decorrência de a temática envolver e voltar-se para as inquietações quanto à situação das pessoas e do Brasil. E isso suscitou uma transformação no teatro brasileiro. Como podemos observar nas palavras de Dias Gomes (1998, p.169): “O Pagador de Promessas mudaria a cara do TBC, que daí em diante passaria a dar preferência ao autor brasileiro e a uma dramaturgia preocupada com nossos problemas sociais.”

O público ansiava por assistir a sua realidade em cena, ao contrário do que acontecia com apresentações anteriores aos anos 60 em que retratavam os costumes e culturas estrangeiras não despontando relações com o cotidiano da sociedade brasileira. Para Gomes (1966, p. 222), o teatro que era apresentado ao público tinha a seguinte finalidade:

Não se ia ao fundo das coisas, não se buscava a verdade do homem brasileiro dentro da sua realidade, dentro da sociedade em que vive, seus conflitos, sua forma de ser e de pensar, com os seus desejos e pretensões. Não se perguntava sobre os problemas desse homem, sobre quem o esmagava.

Para tanto, nesse aspecto o teatro, segundo Dias Gomes, seria a arte mais propícia para causar a reflexão, a denúncia e as inquietações quanto à situação sofrida pelo homem brasileiro. E os responsáveis por ocasionar os conflitos agora seriam retratados para o conhecimento de todos.

De acordo com Magaldi (2004, p. 305) “O Pagador, além de criar em Zé -do-Burro uma grande personagem e de fazer dura crítica a intolerância, dramatiza o sincretismo religioso, uma das nossas verdades populares”. Por ser uma obra que retratou situações recorrentes no cotidiano dos indivíduos e por ter como foco um intenso conflito em torno de um personagem simples, a peça teatral foi bem sucedida e tornou-se um referencial para as temáticas das peças que estavam surgindo no novo teatro brasileiro.

2.2 Aspectos ideológicos e repressores na obra objeto de estudo

Em “O Pagador de Promessas”, peça teatral escrita em três atos, no ano de 1959, tem-se o sofrimento e as angústias vivenciadas por Zé do Burro, que viaja sete léguas carregando uma pesada cruz de madeira nas costas acompanhado de sua esposa, Rosa, para cumprir uma promessa feita a Santa Bárbara a qual salvou o seu fiel amigo, o burro Nicolau.

Como parte da promessa, Zé prometeu também repartir as suas terras com os trabalhadores rurais mais pobres, por considerar a graça alcançada de alto valor, a promessa também assim deveria ser.

Percorrido o caminho até a igreja de Santa Bárbara, Zé nem poderia imaginar o que estava por acontecer. Padre Olavo, autoridade eclesiástica da obra, o impossibilita de entrar na igreja e cumprir a promessa por não valorizar o sincretismo religioso, ou seja, que Santa Bárbara fosse lansã a quem realmente foi feito o pedido, em um terreiro de candomblé.

Há uma abordagem de culturas diferentes no enredo do drama, como a representação do homem urbano em contraposição ao homem rural, por meio de conflitos sociais opostos dramatizados por personagens que representam a ficção bem próxima da realidade, o que configura como um apoio por parte do público para com o sofrimento enfrentado por Zé do Burro.

Zé do Burro, personagem principal, é um homem simples do campo, ingênuo e honesto, tipicamente um novo herói, que vem a ser representado no cenário brasileiro por Gomes (2003, p.9) como “[...] um homem ainda moço, de 30 anos presumíveis, magro de estatura média. Seu olhar é morto, contemplativo. Suas feições transmitem bondade, tolerância e há em seu rosto um “quê” de infantilidade.” O seu fim não procederá de uma força superior e maior como os heróis da antiguidade, como as dos deuses ou próprio o destino, mas sim de suas vontades, escolhas e “liberdades” não aceitando o que é imposto pela sociedade dominante e decidi lutar até o fim com os seus propósitos ideológicos.

Em um sistema capitalista, Zé do Burro, de acordo com Gomes (1972, p.9), é visto como:

[...] um ser que luta contra uma engrenagem social que promove a sua desintegração, ao mesmo tempo que aparenta e declara agir em defesa de sua liberdade individual. Para adaptar-se a essa engrenagem, o indivíduo concede levemente, ou abdica por completo de si mesmo. O pagador de promessas é a estória de um homem que não quis conceder- e foi destruído. Seu tema central é, assim, o mito da liberdade de escolha, a sociedade burguesa não fornece meios necessários ao exercício dessa liberdade tornando-a, portanto ilusória.

A liberdade de que dispõe os indivíduos é apenas algo aparente que os aliena, pois prevalece a liberdade que convém a classe detentora do poder e todas as situações devem existir dentro do parâmetro do sistema capitalista e dos meios de exploração a fim de que essa relação permaneça para que o sistema continue a prevalecer na sociedade.

No decorrer do drama, percebe-se a grande diferença de interesses que há entre as pessoas de dois mundos diferentes que são retratados na obra, o mundo urbano e o mundo rural, cada qual com seus princípios, leis e perspectivas. Pessoas simples da cidade, desprovidas de ascensão social compreendem e se solidarizam com o real motivo que trás Zé a Igreja de Santa Bárbara, no entanto, indivíduos que deveriam e estão para ajudar a sociedade como um todo (independente de raça, cultura, política e meio social) não entenderam as atitudes e ações de um ser humano movido pelos seus ideais, crenças e valores. E não compreenderam, pois as ideologias eram divergentes e como o poder concentrava-se nas mãos de certas pessoas da “cidade” não era pertinente a aceitação do pagamento da promessa por parte de Zé do Burro.

Na obra, a Igreja, a Imprensa e a Segurança Pública, apresentadas como Aparelhos Ideológicos de Estado, conforme propõe Althusser, são representados respectivamente por Padre Olavo e o Monsenhor, pelo Repórter e pelo Secreta e Delegado. Esses personagens não são designados por nomes, porém nos remete as diversas instituições a que pertencem e todos eles se tornarão obstáculos que impedem a efetivação da promessa de Zé, não sendo o Padre Olavo em si o causador do fim do personagem, mas o sistema como um todo, responsável pela intolerância e discrepância quanto aos problemas sociais existentes em diversas regiões do Brasil. Como destaca Gomes (1972, p.10) ao fazer referência das pessoas envolvidas no drama do personagem principal.

Veste batina, podia vestir farda ou toga. É padre, podia ser dono de um truste. E Zé-do-Burro, crente do interior da Bahia, podia ter nascido em qualquer parte do mundo, muito embora o sincretismo religioso e o atraso social, que provocam o conflito ético, sejam problemas locais, fazem parte da realidade brasileira. O Pagador de Promessas não é uma peça anticlerical-espero que isso seja entendido. Zé-do-Burro é trucidado não pela Igreja, mas por toda uma organização social, na qual somente o povo das ruas se confraterniza e a seu lado se coloca, inicialmente por instinto e finalmente pela conscientização produzida pelo impacto emocional de sua morte. A invasão final do templo tem nítido sentido de vitória popular e destruição de uma engrenagem da qual, é verdade, a Igreja, como instituição faz parte.

Padre Olavo constitui um dos impedimentos que Zé enfrenta no desenvolver da peça. Em um primeiro momento ele até se interessa pela história de Zé, ao constatar que os ombros estavam em carne viva. No entanto, o interesse inicial é destruído quando ele toma conhecimento de quem é Nicolau.

PADRE: Burro?! Então esse... que você chama de Nicolau, é um burro?! Um animal?!

ZE: meu burro, sim senhor.

PADRE: E foi por ele, por um burro, que fez essa promessa?
(GOMES, 2003, p.27-28)

A partir do momento em que o Padre passa a ter informações dos detalhes da história e do envolvido ser um animal, uma nova postura é adotada. Pois, para ele, o burro não seria merecedor de tal importância. Quanto ao relato do tratamento utilizado por Zé, a autoridade da igreja demonstra ignorância e desdém em relação aos métodos naturais utilizados por pessoas do campo, o que evidencia ideologias diferentes quanto às práticas buscadas pelos sujeitos para viver. No diálogo abaixo somos informados da causa do acidente envolvendo o burro e o recurso para o tratamento da ferida:

ZÉ: Só um galho, que bateu de raspão na cabeça. Ele chegou em casa, escorrendo sangue de meter medo! Eu e minha mulher tratamos dele, mas o sangue não havia meio de estancar.

PADRE: Uma hemorragia.

ZÉ: Só estancou quando eu fui no curral, peguei um bocado de bosta de vaca e taquei em cima do ferimento.

PADRE: (Enojado) Mas meu filho, isso é atraso! Uma porcaria!

ZÉ: Foi o que o doutor disse quando chegou. Mandou que tirasse aquela porcaria de cima da ferida, que senão Nicolau ia morrer.

PADRE: Sem dúvida. (GOMES, 2003, p. 26-27).

Como Zé do Burro pertencia a um ambiente rural, os seus hábitos e crenças eram diferentes dos do Padre. Contudo, embora atrasados, solucionavam naquele momento a situação.

ZÉ: [...] Lá pelas tantas, o homenzinho virou pra mim e gritou: corre, homem de Deus, vai buscar bosta de vaca, senão ele morre!
 Padre: E... o sangue estancou?
 ZÉ: Na hora. Pois é um santo remédio. Seu vigário não sabia? Não sendo de vaca, de cavalo castrado também serve. Mas há quem prefira teia de aranha.
 PADRE: Adiante, adiante. Não estou interessado nessa medicina.
 (GOMES, 2003, p.27)

É importante lembrar que na década de 50, estava ressurgindo na sociedade um sincretismo religioso, como podemos perceber nas palavras de Dias Gomes (2003, p. 3) “O sincretismo que dá motivo ao drama é fato comum nas regiões brasileiras que, ao mesmo tempo da escravidão, receberam influências de cultos africanos.” Nesse sentido, não convinha ao cristianismo conforme os ditames de sua religião que o sincretismo se desenvolvesse para que não viesse a perder os cristãos da igreja. O trecho seguinte nos mostra a intolerância religiosa e o preconceito por parte da autoridade religiosa quanto ao envolvimento de Zé com outra religião.

ZÉ: Foi então que comadre Miúda me lembrou: por que eu não ia no candomblé de Maria de Iansã?
 PADRE: Candomblé?!
 ZÉ: Sim, é um candomblé que tem duas léguas adiante da minha roça. (Com a consciência de quem cometeu uma falta, mas não muito grave) Eu sei que seu vigário vai ralhar comigo. Eu também nunca fui muito de frequentar terreiro de candomblé. Mas o pobre Nicolau estava morrendo. Não custava tentar. Se não fizesse bem, mal não fazia. E eu fui. Conte pra Mãe-de-Santo o meu caso. Ela disse que era mesmo com Iansã, dona dos raios e das trovoadas. Iansã tinha ferido Nicolau... pra ela eu devia fazer uma obrigação, quer dizer: uma promessa. [...] E eu me lembrei então que Iansã é Santa Bárbara e prometi que se Nicolau ficasse bom eu carregava uma cruz de madeira de minha roça até a Igreja dela, no dia de sua festa, uma cruz tão pesada como a de Cristo.
 PADRE: (Como se anotasse as palavras) Tão pesada como a de Cristo. O senhor prometeu isso a...
 ZÉ: A Santa Bárbara.
 PADRE: A Iansã!
 ZÉ: É a mesma coisa...
 PADRE: (Grita) Não é a mesma coisa! (GOMES, 2003, p. 29-30)

Para Zé do Burro, Santa Bárbara e Iansã eram a mesma divindade, não havia diferenças. Já Padre Olavo, defensor do cristianismo, tinha uma concepção contraditória a de Zé e condenava as atitudes de invocar a interseção de outra santa correspondente.

Em diversas regiões do Brasil, em específico no nordeste, os indivíduos, fazendo uso de suas ideologias como condições imaginárias, como afirma Althusser possuem crenças e fé em orações, imagens dos santos e procissões e atribuem valores, e as suas ações funcionam como práticas desses pensamentos. Quando enfrentam momentos difíceis buscam ajuda e depositam fé nesses rituais com a finalidade de que os pedidos sejam atendidos.

Zé do Burro, crente de sua religião e fé aliadas ao desespero em salvar a vida de Nicolau procura meios para que seu objetivo seja alcançado e recorre a rezas, hábito de várias comunidades rurais. O Padre, que deveria ser acolhedor e compreensivo, condena de forma intransigente a atitude do camponês simples que só está naquele recinto religioso com o intuito de pagar a promessa tal como foi feita, sem nenhuma alteração. Mas, o Padre Olavo é bastante intolerante e em nenhum momento, movido por suas práticas ideológicas, se solidariza e concorda com o pagador de promessas. Nos trechos seguintes é perceptível uma não aceitação do padre para com o sincretismo religioso que se fazia presente na sociedade, demonizando as rezas populares.

ZÉ: Seu vigário me desculpe... mas eu tentei tudo. Preto Zeferino é rezador afamado na minha zona: Sarna de cachorro, bicheira de animal, peste de gado, tudo isso ele cura com duas rezas e três rabiscos no chão. Todo o mundo diz... e eu mesmo, uma vez, estava com uma dor de cabeça danada, que não havia meio de passar... Chamei preto Zeferino, ele disse que eu estava com o Sol dentro da cabeça. Botou uma toalha na minha testa, derramou uma garrafa d'água, rezou uma oração, o sol saiu e eu fiquei bom.

PADRE: Você fez mal, meu filho. Essas rezas são orações do demo.

ZÉ: Do demo, não senhor.

PADRE: Do demo, sim. Você não soube distinguir o bem do mal. Todo homem é assim. Vive atrás do milagre em vez de viver atrás de Deus. E não sabe se caminha para o céu ou para o inferno. (GOMES, 2003, p.28).

A intolerância religiosa por parte do Padre demonstra o quanto há pessoas que estão inseridas em segmentos institucionais que estão para acolher e dar apoio

às pessoas que necessitam de ajuda e o que se verifica é uma indiferença e despreparo da autoridade religiosa em lidar com a presença de diferentes culturas religiosas, uma vez que as ideologias divergiam e como o poder e aos aparelhos de estado estavam à disposição deles, no caso o sistema religioso, Padre Olavo não permite a entrada de Zé na igreja:

PADRE: [...] nesta igreja não entrará com essa cruz!

ZÉ (*Em desespero.*) Mas, padre, eu prometi levar a cruz até o almoço! Preciso cumprir a minha promessa!

[...]

ZÉ: Padre, eu não andei sessenta léguas para voltar daqui. O senhor não pode impedir a minha entrada. A igreja não é sua, é de Deus!

Padre: vai desrespeitar a minha autoridade?

ZÉ: Padre, entre o senhor e Santa Bárbara, eu fico com Santa Bárbara.

PADRE: (*Para o sacristão*). Feche a porta. Quem quiser assistir à missa que entre pela porta da sacristia. Lá não dá para passar essa cruz. (*Entra na igreja.*). (GOMES, 2003, p.32)

Zé tinha que aceitar e seguir as orientações que lhe eram postas e ordenadas. Estando impossibilitado de entrar para poder cumprir seu objetivo. Isso acontece em virtude da ideologia da classe dominante conseguir sempre exercer seus propósitos e combater o que for desnecessário aos seus ideais.

Como a sociedade está estruturada em segmentos sociais, há unidades de comandos que são superiores. Como a história de Zé ganha repercussão na cidade de Salvador, o Monsenhor aparece para tentar solucionar o conflito e em uma conversa com Zé do Burro permite que este se arrependa de seus atos e refaça sua promessa. Como nos mostra o diálogo abaixo:

MONSENHOR: Com a autoridade de que estou investido, eu o liberto dessa promessa, já disse. Venha fazer outra.

PADRE: Monsenhor está dando uma prova de tolerância cristã. Resta agora você escolher entre a tolerância da Igreja e a sua própria intransigência. (GOMES, 2003, p. 58)

As concepções ideológicas de Zé do Burro não permitem que o Monsenhor e o Padre o convençam de desistir da promessa, uma vez que a sua consciência e execução de seus atos deveriam estar voltados para sua ideologia e crenças e não como a sociedade determinasse como deveria ser. “[...] é a história de um homem que não quis conceder e foi destruído.” (GOMES, 2003, p. 3)

Outro fator de destaque na peça objeto de estudo é o sensacionalismo da imprensa, pois a mesma é retratada na obra através do personagem o Repórter, que se aproveita da inocência de Zé e distorce os reais motivos da presença no local religioso, bem como da promessa. O Repórter não está interessado nas circunstâncias que fazem Zé do Burro realizar a trajetória, e sim em divulgar a notícia pela cidade e povoados vizinhos a fim de adquirir lucro e público, distorcendo as informações, acrescentando o que lhe é conveniente, como por exemplo: divulgar o personagem como sendo a favor da Reforma Agrária por ter repartido a metade das terras com os pobres e que este iria estimular e provocar as pessoas a se apossarem de terras não utilizadas pelos latifundiários, conforme o fragmento abaixo:

REPÓRTER: Repartir o sítio... Diga-me, o senhor é a favor da reforma agrária?

ZÉ: *(Não entende.)* Reforma agrária? Que é isso?

REPÓRTER: É o que o senhor acaba de fazer em seu sítio. Redistribuição das terras entre os lavradores pobres.

ZÉ: E não estou arrependido, moço. Fiz a felicidade de um bocado de gente e o que restou pra mim dá e sobra. (GOMES, 2003, p.40)

Para Prado (2002, p.170-171) *apud* Pinheiro (2010, p. 26) a imprensa contornou a situação que envolvia Zé, a fim de que seus propósitos fossem conseguidos:

Zé do Burro dividiu parte do sítio entre os amigos que passavam fome? Então, é contra o latifúndio, contra a exploração do homem pelo homem, a favor da reforma agrária. O que nos faz sorrir não é só o vocabulário político do momento, mas a impressão de que temos de incongruência, de que estas ideias teóricas não representam os verdadeiros motivos que conduzem Zé do burro. Raciocinar, em termos universais e abstratos, não é a sua especialidade. Ele apenas sente, intui. O sítio, os amigos, o próprio burro a que o liga uma amizade por assim dizer fraterna (sem qualquer ironia), são, para ele, realidades vivas, concretas, emocionais, imediata. Ora, os homens da cidade, jogando com conceitos, pensam e falam em outra linguagem.

Por conseguinte, vemos que Zé do Burro não tem ideia do que se trata a Reforma Agrária, porém em um gesto humano e de solidariedade com a situação em que muitas pessoas se encontravam e possuindo consideráveis pedaços de

terras, decide reparti-las e ajudar aos que buscam trabalho. O Repórter faz suas interpretações e as achando convincente divulga como lhe é favorável.

Também age com ironia ao escutar parcialmente Zé dizer que já tentaram lançá-lo candidato, o que não surtiu efeito, devido a presença constante do burro ao lado de Zé. Feitas as interpretações, por parte da imprensa no drama, e com a repercussão que a promessa teria, Zé iria ser eleito e por onde passasse as pessoas o seguiriam.

REPÓRTER: Vai. Vai porque o meu jornal vai promover. Só faço questão de uma coisa: que o senhor nos dê a exclusividade. Que não conceda entrevistas a mais ninguém. (*Noutro tom*) É claro que o senhor terá uma compensação... (*Faz com o indicador e o polegar um gesto característico*) e também a publicidade. Primeira página, com fotografias, o senhor e sua senhora; mandaremos fotografar também o burro - em poucas horas o senhor será um herói nacional. ZÉ: (*Profundamente contrariado*) Moço, eu acho que o senhor não me entendeu. Ninguém ainda me entendeu...

REPÓRTER: (*Sem lhe dar atenção*) O diabo foi o senhor ter escolhido um dia como o de hoje. Sábado. Amanhã é domingo, o jornal não sai. Só segunda-feira. E o nosso Departamento de Promoções precisaria preparar a coisa. Podemos dar o furo na edição de hoje, mas o barulho mesmo só segunda-feira. Quando o senhor pretende voltar? (GOMES, 2003, p.43)

Zé, contrariado, compreende que ninguém é capaz de entender a sua situação e as verdadeiras causas que o trazem à igreja de Santa Bárbara. A importância que o Repórter atribui a notícia se restringe aos lucros que serão alcançados, não sendo relevante para ele o pagamento da promessa.

A segurança pública é representada na obra pelos personagens Secreta e Delegado, os quais demonstram a incapacidade das autoridades policiais no trato de situações que não são de cunho policial, mas sim de questões culturais e que prejudicam a população, uma vez que não há preparo para resolver certas questões multiculturais e agem de forma despreparada e desproporcional.

SECRETA: Tome cuidado, chefe, que ele está armado! (*Observa a atitude hostil dos capoeiras.*) E essa gente está do lado dele!

COCA: Estamos mesmo. E aqui vocês não vão prender ninguém!

DELEGADO: Não vamos por quê?

MANUELZINHO: Porque não está direito!

DELEGADO: Estão querendo comprar barulho?

COCA: Vocês que sabem...

DELEGADO: Não se metam, senão vão se dar mal!

SECRETA: É melhor que se afastem. (GOMES, 2003, p. 78)

Essas instituições recorrem ao uso da “violência” para colocar em prática o poder e os interesses, e não estão preocupadas quanto ao contexto da situação, mas sim em exercer seu trabalho, sem estabelecer chances de conversas para solucionar o problema da melhor forma possível.

No fim do terceiro ato, temos o desfecho da estória do novo herói o qual escolheu seus caminhos e movido por suas ideologias, não se corrompe e segue com seus propósitos, mesmo ciente do trágico fim que sucederá. Podemos perceber que a morte de Zé não foi ocasionada por uma ou algumas pessoas, mas pela sociedade como um todo, com suas ideologias e seu sistema repressor.

ZÉ: Me deixe, Rosa! Não venha pra cá!

Zé-do-Burro, de faca em punho, recua em direção à igreja. Sobe um ou dois degraus, de costas. O Padre vem por trás e dá uma pancada em seu braço, fazendo com que a faca vá cair no meio da praça. Zé-do-Burro corre e abaixa-se para apanhá-la. Os policiais aproveitam e caem sobre ele, para subjugar-lo. E os capoeiros caem sobre os policiais para defendê-lo. Zé-do-Burro desapareceu na onda humana. Ouve-se um tiro. A multidão se dispersa como num estouro de boiada. Fica apenas Zé-do-Burro no meio da praça, com as mãos sobre o ventre. Ele dá ainda um passo em direção à igreja e cai morto. (GOMES, 2003, p.78).

O desfecho da vida de Zé do Burro é resultado das atitudes e práticas ideológicas utilizadas por pessoas intolerantes e intransigentes que só objetivam o poder e os interesses lucrativos, ficando a parte os sofrimentos e angústias de cidadãos comuns.

Depois de morto, os capoeiristas se olham, colocam Zé em cima da cruz e adentram o recinto religioso para cumprir a promessa que o protagonista não conseguiu cumprir. Diante disso, o Padre, tomando consciência dos fatos, sente-se culpado, entretanto já não há o que possa ser feito para reverter o quadro.

De acordo com Magaldi (2004, p. 267), Dias Gomes “[...] joga muito bem com a falta de defesa do herói, numa situação em que desde logo se avolumam outros interesses, para mostrar a desproteção do homem num mundo governado por forças que lhe são superiores.”

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa realizada nos possibilitou compreender como a ideologia e a repressão, por meio dos aparelhos ideológicos de Estado, notadamente a Igreja com sua intolerância religiosa, a Mídia com sensacionalismo e a Segurança Pública com carência de preparo para lidar com situações adversas, interferem na vida de Zé do burro, assujeitando-o, determinando como os acontecimentos devem estar voltados para que seus objetivos sejam constituídos e o seu domínio em relação às pessoas “dominadas” continue a prevalecer no meio social.

Considerando que a ideia de “sujeito livre” consiste apenas em uma forma utilizada pela sociedade para alienar e conformar os indivíduos, levando-os a acreditar que são livres; Zé do Burro pode ser classificado como um alienado que acredita ser um sujeito “livre” e, acreditando nas concepções imaginárias constituídas em sua consciência no tocante a execução de seus atos, torna-se vítima de sua própria ingenuidade.

Vimos que a sociedade procura modelar o homem, impor limites em seus comportamentos e manipulá-los por meio de um sistema de controle fundamentado na ideologia dominante, a qual é pautada na intolerância e na violência.

A intolerância que marca notadamente a Igreja enquanto instituição é retratada na obra através da figura do Padre Olavo e do Monsenhor, principais responsáveis por impedir que Zé do Burro consiga pagar a promessa feita a Santa Bárbara, visto que este, em sua ingenuidade e honestidade não omite o fato de que a promessa fora feita para lançá-lo em um terreiro de candomblé.

O fim trágico e violento do protagonista da obra retrata como acontecem as relações dentro da sociedade, tendo em vista o jogo que os diversos interesses provocam e as atitudes tomadas por um sistema de poder com forças ideológicas e repressoras suficientemente capazes de calar, subjugar e matar.

REFERÊNCIAS

ALTHUSSER, Louis. **Ideologia e Aparelhos Ideológicos de Estado**. Lisboa: Editorial Presença, 1970.

BRANDÃO, Helena H. Nagamine. **Introdução à análise do discurso**. 8. ed. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2002. (Coleção Pesquisas).

CANDIDO, Antonio. **Literatura e Sociedade**: estudos de teoria e História Literária. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2010.

CHAVES, Rita. **Angola e Moçambique: experiência colonial e territórios literários**. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2005.

GOMES, Dias. **Teatro de Dias Gomes**. RJ: Civilização Brasileira, 1972.

_____. **O pagador de promessas**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

_____. **Apenas um subversivo**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998.

_____. **O engajamento é uma prática de liberdade**. Rio de Janeiro: Revista Civilização Brasileira. n 5/6, p.222 , mar.1996.

KOTHE, Flávio R. **Para ler Benjamim**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1976.

LYRA, Pedro. **Literatura e Ideologia**: ensaios de Sociologia da Arte. Petrópolis, Vozes, 1979.

MAGALDI, Sábato, 1927. **Panorama do teatro brasileiro**. 6. ed.- São Paulo: Global, 2004.

OCTAVIO, Ianni. Sociologia e Literatura. In: SEGATTO, José Antonio & BALDAN, Ude. (Orgs.). **Sociedade e literatura no Brasil**. São Paulo: Editora UNESP, 1999.

PINHEIRO, Roberta Vanessa Crispim. **O Pagador de Promessas: dramaticidade e tragicidade, da literatura ao cinema.** João Pessoa [s.n.], 2010.

ROSENFELD, Anatol. **O mito e o herói no moderno teatro brasileiro.** 2.ed. São Paulo. Perspectiva, 1996.

SANTAELLA, Lúcia. **Produção de Linguagem e ideologia.** 2. ed. São Paulo: Cortez, 1996.

SILVA, José Otacílio da. Althusser. In: OLIVEIRA, Luciano Amaral. (Org.). **Estudos do discurso: perspectivas teóricas.** São Paulo: Parábola Editorial, 2013.